

O FENÔMENO DA ANGÚSTIA: INTERFACES ENTRE GRACILIANO RAMOS E SARTRE

[THE ANGUISH PHENOMENON: INTERFACES BETWEEN GRACILIANO RAMOS AND SARTRE]

*Camila Pacheco Gomes **

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Brasil

RESUMO: Esse texto tem o propósito de dialogar através de um viés filosófico e literário, a temática do fenômeno da angústia, sob uma perspectiva sartriana tendo como pano de fundo o romance *Angústia (1936)* de Graciliano Ramos. Se, para Sartre, a angústia é ontofenomenologicamente constitutiva da condição humana, Graciliano retrata o fenômeno da angústia descrevendo o sujeito como um ser que é livre e, ao mesmo tempo, aprisionado em sua própria liberdade, experienciando a angústia em sua existência.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; Graciliano Ramos; Angústia; Liberdade

ABSTRACT: This text has the purpose of dialoguing through a philosophical and literary bias, the theme of the phenomenon of anguish, from a sartrian perspective against the background of the novel *Angústia (1936)* by Graciliano Ramos. If, for Sartre, anguish is ontophenomenological ly constitutive of the human condition, Graciliano portrays the phenomenon of anguish by describing the subject as a being who is free while trapped in his own freedom, experiencing anguish in his existence.

KEYWORDS: Sartre; Graciliano Ramos; Anguish; Freedom

INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (1905-1980) é considerado um dos grandes nomes da filosofia existencial. Suas obras são designadas em dois campos do saber: a filosofia e a literatura. Ora, na história da filosofia é comum encontrarmos filósofos que se dedicaram a obras filosóficas e, ao mesmo tempo, literárias. Sartre é um dos destaques, ao deixar sua marca, com extensas obras, analisadas de diferentes perspectivas, com uma sólida interlocução entre a escrita filosófica e literária.

Além de Sartre, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard também transitou com desenvoltura entre os dois campos. Sartre foi considerado como o precursor da filosofia existencialista humanista contemporânea nos anos 1950-1960, tendo a originalidade de promover uma interface com a literatura. Ele, certamente, abriu um caminho concebido para a chamada via da ficção, um espaço originado com o objetivo de debater a realidade humana, representada por meio das vivências dos personagens, possibilitando a compreensão individual da estrutura universal do ser da consciência.

Além de apresentar dois modelos de discurso, nosso desafio se concentra em

* *Mestrado em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação de Filosofia Contemporânea da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. m@ilto: camilapacheco_gomes@hotmail.com*

investigar o fenômeno da angústia, partindo de uma perspectiva filosófica e literária das obras *O Ser e o Nada* (1943) de Sartre em interface com o romance *Angústia* (1936) do escritor Graciliano Ramos. O propósito desse estudo concentra-se, basicamente, na busca pela compreensão da origem do sentimento da angústia. Trata-se de um fenômeno que se manifesta nas vivências do humano, elevando a transformação do estado da alma, observando o período em que vivemos, tendo como consequência, o desencanto do mundo e descrença de não haver um Deus que cuida de um suposto destino. As mudanças socioculturais, políticas e estatais afetou o homem moderno de tal forma que esse se tornou independente das amarras sagradas. Em contrapartida, esse mesmo homem se vê imerso na vertigem da angústia, uma vez que ela está ligada ontologicamente à liberdade do homem.

O movimento de transformação de crenças e da autonomia do homem carrega para si, questionamentos cada vez mais crescentes, uma vez, que esse homem se vê abrindo mão dos valores em que acreditava, e sobre os quais se apoiava, para então, viver com a falta destes, ou seja, o homem se depara tendo que conviver com o nada, pois não há o que colocar no lugar. O homem se percebe como um ser sem fundamento, desamparado. Ora, isso é, sem dúvida, angustiante, à medida que ele se vê largado no nada, em um mundo de possibilidades. Assim, observa Sartre (1973, p. 25): “o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem”.

Partindo, pois, desse princípio corolário sartriano, ao realizarmos uma interface com o romance de Graciliano, a história inicia-se por um processo de rememoração, contada pelo personagem principal, Luís da Silva, 35 anos, último filho de uma família de rural decadentes. Luís vive atormentado pelas lembranças do tratamento rude recebido na infância pelas figuras de autoridade do avô e do cangaceiro José Bahia. Já, na vida adulta, muda-se para Maceió, junto com sua criada Vitória. Eles passam por dificuldades financeiras e humilhações. Luís arruma um emprego, torna-se funcionário público e nas noites vagas, dedica-se a escrever sobre coisas do cotidiano. Quando a vida, seguindo o seu percurso, bem como Sartre comentaria, vivenciando “o nada”, Luís conhece Marina, sua vizinha, moça de família pobre, porém, muito vaidosa. Trata de logo engatar um noivado entregando a ela todas as suas economias para que ela encomende um enxoval. Nesse momento, aparece Julião Tavares, filho de um comerciante, bem abastado na cidade. Este representa todas as características detestáveis para Luís (rico, influente no meio social, respeitado por todos, e amado pelas mulheres). Julião Tavares toma-lhe a noiva, alguém mais tarde, abandona e com um agravante, uma suposta gravidez. Desesperado e constrangido de toda a má sorte, no trabalho e na vida pessoal, Luís mergulha em obsessões e delírios que o levam a desejar e a realizar o estrangulamento de Julião Tavares com as próprias mãos. Atordoado por pensamentos apavorantes, esse último sente necessidade de compartilhar a experiência solitária e infeliz.

O que cabe, desde logo notar é que o romance *Angústia* (1936) foi publicado sobre tensão e instabilidade do cenário político em que o Brasil passava. No ato de sua prisão, Graciliano Ramos era diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente ao de secretário estadual de Educação. O motivo de sua prisão se deu ao descontentamento do governo Vargas. O mesmo foi encaminhado ao Estado do Rio de Janeiro, onde permaneceu preso até 1937. *Angústia* foi publicado por amigos de Graciliano, em especial José Lins do Rego. A ficção foi consagrada e bem elogiada por grandes críticos da literatura tendo em vista uma breve comparação de intensidade e

complexidade com as obras de Dostoiévski. Há poucas semelhanças entre Sartre e Graciliano, mas cabe ressaltar que ambos são apaixonados pela arte e literatura, além de defensores de uma política de direitos.

Ora, é bem verdade que discussões acerca do conceito da angústia existem desde a antiguidade. Vale lembrar que autores como Platão, Cícero e Sêneca procuravam delimitar as origens do sentimento. Para Platão, a temática era tratada como uma passagem que o ser sofreria, ou seja, das trevas à luz, da ignorância ao conhecimento. Angústia é uma palavra de origem latina que significa estreiteza, aperto. O termo angústia quer dizer uma espécie de aflição, descrito pela primeira vez pelo pensador romano Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) em sua obra *De Natura Deorum*. Na contemporaneidade, os filósofos, buscavam por uma estreiteza, a fim de contextualizar o pensamento existencial. Assim, inicia-se os estudos em torno do conceito de angústia pelo filósofo Sören Kierkegaard, que teve sua obra publicada em 1944 sob o título, propriamente, *O conceito de angústia*. Após esse período, filósofos como Sartre e, mais tarde, Heidegger aprofundaram o conceito sob um giro hermenêutico consideravelmente original e propositivo.

Assim, pensar a filosofia ou pensar a vida do ser humano, segundo Sartre, faz-se necessário que seja por um viés existencialista. O período pós-guerra foi um marco, onde Sartre dedicou-se a refletir sobre a existência do humano, buscando enunciar um sentido em suas relações e com o mundo em torno de si mesmo. Em tal perspectiva, Sartre descreve esse fazer de liberdade, uma condição fundamental, que permite ao homem construir a sua própria essência.

Esse trabalho não tem o caráter apenas de descrever o sentido da angústia, mas de compreender como ela se manifesta, por meio da representação naquilo que é próprio do homem em suas vivências, e para tal, contaremos com o romance *Angústia* (1936), como palco de encenação, no qual, nos dedicaremos a interpretar passagens do romance sobre uma lente filosoficamente sartriana. Dessa forma, Kierkegaard (2015) compreende a angústia como “angústia frente a liberdade”, já, em Heidegger, o filósofo a considera como uma “captação do nada”. Essas são evidências na qual Sartre não desconsiderou contribuindo para a caracterização do fenômeno da angústia.

O Fenômeno da Angústia

As reflexões produzidas sobre *Angústia* (1936) têm na sua interioridade o olhar voltado para o estrangeiro, o migrante, o nordestino, uma vez que narram o sofrimento desse povo, descrevendo os aspectos sociais pertinentes ao meio rural e urbano. O romance pertence ao que conhecemos como vertente “romance de trinta”, nascido de uma corrente do modernismo e de características peculiares da época, onde escritores, não apenas brasileiros, mas pelo mundo a fora, defendiam uma fidelidade na forma de expressar o campo e a cultura de cada local, passando a ter consciência dessa unidade e assim produzirem obras com teor originário.

Pois bem: o romance é contado pelo personagem principal, Luís da Silva, rapaz solteiro, com 35 anos, nascido e criado no campo. Na vida adulta, ele teve a necessidade de mudar-se para a cidade, vindo a viver na capital alagoana em busca de melhores condições de vida. Vivia enclausurado em si mesmo, e sem nenhuma estima por si próprio. Ele passava os dias, portanto, a se envolver em pensamentos emudecidos, sobre os que viviam ao seu redor.

Luís inicia o romance realizando uma rememoração, uma espécie de *flashback*, onde começa pelo crime já cometido contra Julião Tavares.

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa. Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beço, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da rua da Lama (RAMOS, 2013, p. 8).

Em outra parte do texto, encontramos mais explicações sobre o personagem de Luís da Silva.

Naquele dia Luís tinha visto pela primeira vez Marina e por ela se apaixonado. O relacionamento amoroso não se encaminhou para o final feliz. Pelo contrário. Conduziu o apaixonado ao ciúmes da amada e ao ódio do rival. Enforcar Julião, jovem e petulante milionário, conhecido estuprador de mocinhas pobres e ambiciosas. Como coronel do sertão, cangaceiro ou cobra sorrateira, Luís faz justiça com as próprias mãos (RAMOS 2013, p. 223).

Ao relatar o crime já cometido, o personagem descreve seus tormentos e sobre a sua necessidade de compartilhar a experiência solitária e infeliz. Assim, no último capítulo, Luís resume o que seria a sua sentença judicial, autopunitiva, que aconteceria antes da justiça dos homens, onde agora passa a ser o carrasco de si mesmo, apesar de ter em discurso, que foi um justiceiro do amor.

A réstia descia a parede, viajava em cima da cama, saltava no tijolo – e era por aí que se via que o tempo passava. Mas no tempo não havia horas. O relógio da sala de jantar tinha parado. Certamente fazia semanas que eu me estirava no colchão duro, longe de tudo. Nos rumores que vinham de fora as pancadas dos relógios da vizinhança morriam durante o dia. E o dia estava dividido em quatro partes desiguais: uma parede, uma cama estreita, alguns metros de tijolo, outra parede. Depois, a escuridão cheia de pancadas, que às vezes não se podiam contar porque batiam vários relógios simultaneamente, gritos de crianças, a voz arrelhiada de d. Rosália, o barulho dos ratos no armário dos livros, ranger de armadores, silêncio compridos. Eu escorregava nesses silêncios, boiava nesses silêncios, como numa água pesada (RAMOS, 2013, p.214).

Em outro momento da passagem do romance, Luís apresenta sintomas de uma realidade paralela:

Queria vestir-me, sair pela rua, ler os jornais. Que diziam os jornais? Subir o morro do farol, entrar nas bodegas, beber cachaça. Seu Ivo me visitara, acocorara-se junto à parede. “Leve a roupa, seu Ivo”. Seu Ivo tinha vestido a calça rasgada e o paletó sujo. Talvez não tivesse vestido aquela imundície, talvez fosse tudo um sonho. Um homem na sala esperava com paciência que me restabelecesse. Sair, entrar no café, viajar nos bondes. Onde estava a minha roupa? A cadeira perto da cama, o livro fechado sobre a palha. “Leve isso daí, seu Ivo. A calça está rasgada. Cosa o rasgão com uma corda” (RAMOS, 2013, p.218).

Segundo Sartre (1943), o mundo nos exige, coloca uma estrutura de exigência e necessidade para viver e seguir. Ora, aqui podemos até supor que o personagem Luís

estivesse incomodado com a sua realidade, já que, aos 35 anos, era solteiro e não possuía bens. Dessa forma, segundo Sartre, cabe ao ser de consciência que somos parar e refletir sobre essas exigências, pois do contrário, saímos “correndo” atrás das necessidades que o mundo nos atribuir, e que não necessariamente é a necessidade real do ser. É o que bem escreve Sartre (1943, p. 514):

Descrever, comumente, é uma atividade de explicitação visando as estruturas de uma essência singular. Mas a liberdade não tem essência. E, mais à frente, completa: “Então, como descrever uma existência que se faz perpetuamente e nega-se a ser confinada em uma definição? A própria denominação de “liberdade” é perigosa, caso subentendamos que a palavra remete a um conceito, como as palavras habitualmente fazem.

Essa liberdade apresentada por Sartre é a própria realidade humana, constituída pelo o próprio ser do homem em sua mais íntima estrutura, utilizada para estar no “nada” do ser, sem admitir outras necessidades ou determinismos que produzam a recusa desta liberdade. Logo, essa liberdade é constitutiva da essência livre do próprio ser do homem, precedente de sua existência. Observa o filósofo:

Estou condenado a existir para sempre para-além da minha essência, para além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade ou, se preferirmos, que não somos livres para deixarmos de ser livres (SARTRE, 1943, p. 543).

Luís descreve seus 35 anos, de forma fragmentada, que antecede o momento do encontro decisivo com Mariana, a punição do amante e sua autopunição. O Brasil descrito na narrativa de Luís, é o da República Velha (1889-1930), onde o personagem faz referência as suas raízes sentimentais. Luís viera do campo para a capital, tornando-se um representante típico da juventude tenentista, ou seja, “molambo que a cidade puiu de mais e sujou” (RAMOS 2013, p. 224). Revoltado contra o estado das coisas e entusiasmado pela transformação revolucionária da sociedade, Luís tinha se desligado da vida familiar e rural para assumir “vida de cigano” (RAMOS 2013, p. 224).

Assim, o livro trata de compreender os vários papéis que o homem desempenha, seja ele vizinho, colega de repartição no mundo urbano, do filho de fazendeiro, desenraizado na grande cidade. A angústia é a experiência da liberdade, ou seja, o ser humano ao tomar consciência de si, torna consciente suas escolhas e suas possibilidades concretas. Dessa forma, podemos nos questionar: é a liberdade que escolhe a angústia? Nós só exercemos nossa liberdade quando nos angustiamos, porque angústia é condição de liberdade. Segundo Sartre (1943), o estar consciente possibilita ao ser perceber o seu estado de angústia, sendo caracterizado por um significado existencial, uma vez, que ela está ligada a um momento de suspensão do projeto que define um indivíduo, um instante que a instabilidade da identidade do homem se revela de maneira que o projeto precisa ser substituído ou reassumido.

Nessa passagem do romance, identificaremos a percepção que Luís tem sobre Mariana, comparando-a com uma formiga. Assim, por exemplo:

Ao pegar me a mão [Marina] fico agarrada, os dedos contraídos, o braço estirado, mostrando-se na faixa de luz que entrava pela janela. Isto me dava a impressão de que o meu braço havia crescido enormemente. Na extremidade dele um formigueiro em rebuliço tinha tomado subitamente a conformação de um corpo de mulher. As formigas iam e vinham, entravam –me pelos dedos, pela palma e

pelas costas da mão, corriam-me por baixo da pele, e eram ferroadas medonhas, eu estava cheio de calombos envenenados. Não distinguia o movimento desses bichinhos insignificantes que formavam o peito, a cara, as coxas e as nádegas de Marina (RAMOS, 2013, p. 228).

Luís, ao comparar a figura de sua amada com a de uma formiga, nos leva a interpretar que ele descreve a força que Marina tem sobre ele revelando a ideia de poder da imagem feminina, que o “envenena” e o deixa sem ação. Em outro momento do romance, Luís fragmenta Mariana, começando pelo o seu nome: “em duas horas escrevo uma palavra: Marina. Depois aproveitando letras deste nome, arranjo coisas absurdas: ar, mar, rima, arma, ira, amar. E do corpo da amada, com intenção sádica: veio-me o pensamento maluco que tinha dividido o corpo de Marina” (RAMOS 2013, p. 9).

Segue citação da parte comentada;

Uns vinte nomes. Quando não consigo formar combinações novas, traço rabiscos que representam uma espada, uma lira, uma cabeça de mulher e outros disparates. Penso em indivíduos e em objetos que não tem relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto, essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente. Fujo dos negociantes que soltam gargalhadas enormes, discutem políticas e putaria (RAMOS, 2013, p. 9).

Assim, evidenciamos nessas passagens, a obsessão de Luís por Marina, seu sentimento de posse, de querê-la somente para si, descrevendo-o seu nome e o repartindo em pedaços, seus pensamentos só se baseiam nela e nada mais, seu medo é alimentado pela ideia que amada o deixe, ou lhe troque por uma figura característica de Julião Tavares.

O ser vive em busca pelo sentido das coisas, sentido da vida, porque somos um ser-para-si, ser que questiona, indaga, que se afeta com as coisas a sua volta, seja com a realidade ou sua subjetividade. Esse mesmo ser vive uma insatisfação, pois tem necessidades de querer romper com as suas próprias fronteiras. Como escreve Sartre (1998, p. 139): “A realidade humana é, antes de tudo seu próprio nada”. Esse nada, ao ver do homem, é uma condição para tornar-se livre, já que manifesta-se na ausência, na carência e no vazio. Uma das premissas do existencialismo é que a “existência precede a essência”, pois a realidade primeira é a sua realidade fática, sua existência que o ser desvela e assume-se conscientemente.

Sob a perspectiva de Kierkegaard (2015, p. 67):

A angústia é uma impotência feminina, na qual a liberdade desmaia, em termos psicológicos, a queda sempre ocorre na impotência; mas ao mesmo tempo a angústia é a coisa mais egoísta que há, e nenhuma expressão concreta de liberdade é tão egoísta como a possibilidade de qualquer concreção. Isto é, uma vez mais, o elemento que oprime, que determina a relação ambígua do indivíduo, de simpatia e antipatia. Na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angustia, insinuante, com sua doce ansiedade.

Conforme Kierkegaard (2015), o significado de angústia é tido como uma coisa egoísta, algo que oprime o sujeito, o levando a uma relação ambígua. Tal explicação nos possibilita pensar na figura de Luís, uma vez, que sua relação com Marina, havia

tornando-se uma relação de amor e ódio, de obsessão ao ponto de querer vingá-la a qualquer custo.

Ao emergirmos no romance de Graciliano, a fim de desvelar a sombra que rodeia o personagem Luís, uma vez, que ele julga não ser pertencente a esse mundo, ele próprio passava horas a bisbilhotar a vizinhança, condenava a forma de ser e agir de alguns de seus vizinhos, por uma janela em seu quarto, somente assistindo o mundo, um lugar obscuro e anônimo em virtude de sua condição financeira. Ele fugia de seus credores, tinha um subemprego e via naqueles que possuíam bens uma ameaça iminente frente ao pouco progresso que pretendia na vida. Assistir Mariana indo para os braços de Julião Tavares, só fez aumentar o sentimento de inferioridade que Luís carregava consigo.

Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível (RAMOS, 1993, p. 159).

Ora, a liberdade, para Sartre, surge na origem do para-si; caso o homem não fosse livre, permaneceria encarcerado com o próprio modo de ser. Sob esse prisma, a liberdade é a razão do existir do ser, uma vez que essa descoberta de ser livre o leva à angústia. Em outras palavras, a liberdade é a angústia porque condena o homem a ter sempre diante de si uma liberdade de escolha.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre comenta que o homem é condenado a ser livre; ser livre quer dizer aqui, escolher, uma vez que essa escolha revela a sua realidade, e constitui-se como um projeto no mundo: “É o que traduzirei” – avalia ele – “dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (SARTRE, 1973, p. 15).

Essa condenação leva o homem à angústia. Sartre, enfim, a descreve da seguinte maneira:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão (SARTRE, 1998, p. 72).

Continuando a descrição de angústia, Sartre (1998) ilustra a angústia como estando diante da liberdade, que significa algo diante de si mesmo, daquilo que constitui a própria realidade do ser, uma vez que o homem encontra-se diante de uma nova escolha, que termina por ameaçar e alterar o seu projeto de vida. O homem sente-se então angustiado.

[...] Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1998, p. 545).

Escolher acaba sendo angustiante, pois o homem está lançado à vida. Ele é responsável por tudo o que faz do projeto fundamental, isto é, de sua existência. Nessa perspectiva, só exerço minha liberdade, quando estou consciente para escolher diante das minhas possibilidades. Ora, tais escolhas são angustiantes. Nesta tomada de consciência, o personagem Luís vivencia o que tratamos aqui como a angústia, angústia proveniente de um incômodo existencial, de um sentimento de inconformismo, de raiva, impotência, ira contra tudo e contra todos. Luís passa a nutrir um sentimento de revolta, que tende aumentar a cada dia, frente aos acontecimentos. Na presença de Julião Tavares, ele sentia-se menosprezado, percebia que não tinha forças para lhe rebater com as palavras.

Em toda a parte era assim. Derramava-se no bonde e, se alguém lhe tocava as pernas, desenroscava-se com lentidão e lançava ao importuno olhar duro. Eu encolhia-me, reduzia-me e, em caso de necessidade, sentava com uma das nádegas (RAMOS, 1993, p. 182).

O namoro com Marina foi-se desfazendo, pouco a pouco. Ela se afastava de Luís, de forma discreta e apática, o que, de certa forma, o deixava muito intrigado, uma vez, que Luís temia que Marina pudesse o deixar para ficar com o Julião Tavares. Esse comportamento só alimentou em Luís a raiva e antipatia por seu rival.

Pouco a pouco nos fomos distanciando, um mês depois éramos inimigos. A princípio houve brigas, reconciliações desajeitadas, conversas azedas com d. Adélia. Tempo perdido. Marina estava realmente com a cabeça virada para Julião Tavares. Comecei a passar trombudo pela calçada, remoendo a decepção, que procurei recalcar. – Mulheres não faltam (RAMOS, 1993, p. 90).

O personagem de Julião Tavares era o que Luís da Silva mais rejeitava e ao mesmo tempo, representava tudo que este gostaria de ser. Sobre essa relação, deduzimos que trata-se de uma projeção, de um querer reprimido, causando um sentimento de atordoamento e angústia no personagem. Desta forma, Luís passou a acreditar que eliminando Julião Tavares este sentimento de inferioridade, misto de ódio com inveja, também seriam extintos. Assim, Luís experimenta outros caminhos, pensar que teria futuro com outras mulheres, não precisava ser com Marina. Foram, contudo, em vão, esses pensamentos, pois ele encontrava-se enclausurado em uma única ideia, a ideia de ter perdido Marina, igual a uma disputa em um torneio, onde haveria uma premiação. Essa disputa foi ganha pela figura que o faz sentir-se oprimido, desprezado, envergonhado na sua existência. Na verdade, podemos interpretar que Luís tem medo, medo de perder Marina, tem medo de figuras como de Julião Tavares, tem medo de si próprio.

Nesse momento, houve uma ruptura, pois tanto Luís como sua vivência no mundo, não será mais como era, há um nada que sobrepõe, o passado e o presente. Assim, aproximando-se do romance, podemos até projetar a ideia da figura de Marina casando-se com Luís, ou até de Luís matando Julião, nada garante ou justifica o sucesso e a sua liberdade. Sobre a perspectiva sartriana, é importante ressaltar que a angústia não é medo, porque medo é medo de algo.

O medo vem de fora; já a angústia vem de dentro. Na angústia, o desconforto é gerado pela indeterminação da minha reação frente às coisas mundanas. Sobre essa passagem, o romance de Graciliano Ramos retrata que após o rompimento de Marina com Luís, esse passa a segui-la como uma espécie de vigia, sob a intenção, que algum momento ela pudesse voltar em si, e retomar o romance com ele.

Desse modo, Sartre refere-se à angústia como uma experiência privilegiada diante do acesso à verdade da condição humana. É através dela que a liberdade é apanhada, como “possível destruidora daquilo que sou, no presente e no futuro” (SARTRE, 1943, 81).

Sob a ótica sartriana, ilustraremos com passagens do romance onde Luís da Silva acredita que sua amada Marina teria engravidado de Julião Tavares. Desesperada, a moça resolve a situação, mediante suas possibilidades. Luís a segue.

Atravessei a rua e cheguei-me a Marina, que se afastava com dificuldade, mergulhando na areia os sapatos vermelhos. Sentia-me perturbado e intimamente armava diálogos que ela não entenderia. Os sapatos velhos, rachados e cambados. A roupa desfiando-se nas costuras. Tão miúda, tão reles! Estava quase a pisar-lhe os calcanhares. Tossi: Faz favor? Continuou a marcha penosa, mais lenta e mais cansada depois que dobrou uma esquina. O suor corria lhe pela nuca, entre os cabelinhos arrepiados. De quando em quando a mão que enxugava a cara surgia por cima de um ombro e esfregava com o lenço a penugem amarela. Faz favor? (RAMOS, 2013, p. 171).

Nas próximas citações, apresentaremos o sentimento de Luís sobre Marina. Luís a persegue na tentativa de fazê-la arrepender-se de seus atos e também por tê-lo deixado. Aqui interpretamos que o personagem a segue para mostrar que somente ele preocupa-se com ela, e, que, apesar dos erros de Marina, ele está disposto a perdôá-la.

Aí ela parou. Em seguida apressou o passo, meteu com vontade os pés na areia frouxa, e a penugem amarela empastou-se, grudou-se à pele e escureceu. Deixa disso. Não há motivo para esse orgulho todo. Baixa a pancada. Donde vem uma soberbia tão grande? (RAMOS, 2013, p. 72).

Acompanhemos, o sentimento de Luís à Marina:

Levanta a cabeça. Deixa de inocência. Aqueles modos pudicos, aqueles movimentos quase imperceptível das pálpebras roxas que velavam olhos inúteis, irritara-me. Lembrei-me dos amadores que rangiam, das cantigas, dos banhos ruidosos. E atirei-lhe à cara, com raiva: Puta! Mariana ouviu isso sem se revoltar. Apenas ficou mais branca, estirou o beijo quase chorando. Me largue, balbuciou. Está bem. Ninguém tem nada com isso, não é? Vamos andando, Puta! (RAMOS, 2013, p. 172).

Seguimos ilustrando o sentimento aflorado do personagem Luís da Silva.

Teria dito e repetido outra palavra que insistisse em vir-me à boca, dessas coisas que a gente diz à toa e conserva porque vieram espontaneamente e são insubstituíveis e absurdas. Quanto mais olhava Marina menos me inclinava a admitir que ela fosse puta. As pálpebras roxas ocultando olhos aguados, o beijo trêmulo, a barriga encolhida, a cara mal pintada, a testa amarela coberta. (RAMOS, 2013, p. 172).

Sartre comenta que o homem em meio aos aspectos existenciais de sua racionalização utiliza daquilo que ele explicou conforme as teorias deterministas, ou seja, uma maneira para fugir da angústia, da liberdade e de suas responsabilidades. Esse movimento de fuga, da consciência de si mesmo, refere-se a uma distorção da realidade que se experencia, seja ela, em suas relações ou até mesmo com o modo equivocado de pensar e de viver. Essa distorção pode até ocasionar toda uma vivência de mentiras, crenças e condutas, uma vez, que a verdade do ser humano é comprometida.

Ainda comentando Sartre, o filósofo compreende que a liberdade e a

responsabilidade constituem um caráter ontológico, indivisível da atividade de consciência do ser. Essa experiência apresenta em determinados momentos, homens de aparências tranquilas, inteligíveis, experimentando uma existência distante, imersa na própria angústia de ser, de um mundo sem sentido no qual existe. Com essas características, aproximamos com a figura de Luís da Silva, onde segundo Graciliano, o personagem era de imagem de vestes simples, acanhado e de pouco fala.

A introversão do personagem é o que podemos descrever como sendo uma traço de sua personalidade. O personagem, então, concentra sua energia no mundo de seus pensamentos e sentimentos não verbalizados. Sobre essa característica, ousamos dizer que esta, possa estar relacionada como um modo de expressar ou representar a consciência do personagem, por meio do monólogo interno, uma vez, que o leitor consiga acessar e compreender através da manifestação literária o estado de angústia.

Conclusão

Ramos (1936) ao escrever o romance *Angústia* detalha a situação do personagem Luís da Silva como funcionário público que trabalhava o dia todo numa repartição e morava numa casa velha cheia de ratos. O personagem apaixonou-se por sua vizinha, Marina, e a pede em casamento, entregando-lhe todas as suas economias. Nessa ocasião, aparece a figura de Julião Tavares, que possuía dinheiro e uma condição social muito mais interessante para Marina do que a de Luís Silva. Ela abandona Luís. Sobre essas descrições, podemos julgar que o personagem tenha sentido, tristeza, melancolia, do que propriamente a angústia. Porém, ao bisbilhotar as visitas de Julião a Marina, Luís encontra-se angustiado com a situação.

Interpretando o romance, sob uma ótica sartriana, podemos concluir que somos nós mesmos que projetamos os possíveis contrários aos nossos possíveis. Ora, é o que ocorre quando, diante de uma situação que exige uma atitude imediata, o pensamento de que tudo pode dar errado, persiste à revelia de nossa vontade. Esse pensamento é perturbador e embaraçoso, ao ponto de gerar confusão em pensar por exemplo: “pare de pensar nisso”. A angústia se dá nesses momentos, que me esforço em me acalmar, e de inúmeras situações de condutas possíveis que possam remediar essa situação angustiante.

Nessa direção, Sartre e Graciliano permitem que o seu leitor experiencie de sua obra na abundância de recursos explorados da vivência humana. Segundo Sartre (1943), o homem será suas escolhas porque ele é liberdade, uma vez que tem consciência do ser que é. Dessa forma, a única coisa que o homem não pode optar é a de não ser livre, porque provocaria a renúncia de si mesmo. Do ponto de vista de Sartre (1998), o homem é condenado à liberdade, pelo simples fato de existir; ora, toda liberdade de escolha é escolha de alguma coisa, fato esse que implica na responsabilidade: a angústia de optar pelo o que deseja ser. Nessa medida, o homem é responsável e diante de uma escolha sente-se angustiado.

A angústia experienciada por Luís da Silva por ter perdido Mariana para seu rival, e a sua decisão em dar cabo da vida de Julião Tavares, poderia abrir outros caminhos, como ser preso. De dentro da prisão, ele então escreveria romances sobre o que vivenciou.

Descobri por acaso que Julião Tavares tinha feito nova conquista. Foram duas ou três palavras soltas na rua que me deram a revelação. Pensei numa das filhas de lobisomem e na datilógrafa dos olhos verdes. Tudo isso é infantil, mas a verdade é que durante dias me atormentou a ideia de que Julião Tavares havia seduzido a menina dos olhos verdes. Para que lado morava ela? Nunca havia percebido a voz

dessa criatura, não conhecia nenhum dos seus gostos, mas tinha certeza esquisitas e andava como um parente cheio de ciúmes ou como um cachorro que perdeu o faro e não sossega (RAMOS, 2013, p.176).

Apalpava a corda. Mexia-me lentamente, pensava nos cabras que meu avô livrara peitando os jurados ou ameaçando a cadeia da vila. Apareciam no pátio, desarmados, varrendo o chão com chapéus de couro; mas quando tinham empreitadas, dormiam na pontaria, passava semanas por detrás de um pau, o clavinote escorado numa forquilha, algumas rapaduras e farinha de mandioca no bisaco (RAMOS, 2013, p. 177).

Essa citação simplesmente revela o sentimento de Luís diante de tudo o que ele mais temia, ou seja, o de ser um fraco, um covarde amedrontado, sem forças para reagir com o chefe que o mandava escrever textos do qual não gostava. Estava cansado de viver escondido, de não ser respeitado. Julgamos que Luís tem medo de não ser desejado por uma mulher, uma vez, que ao matar a figura de Julião Tavares, um encantador de mulheres, estaria salvando todas as mulheres, e, em função disso, ser lembrado por todas. Aqui lembramos da figura de Marina.

A pergunta que nos intriga e nos faz buscar pela compreensão do fenômeno da angústia, no entanto, é: O que o Luís queria para si? Qual era o seu projeto de vida? Matar Julião, seria a resposta para suas perguntas?

Podemos concluir que Luís, personagem de a *Angústia*, desejava uma vida “boa”, mas para tal, para obter o acesso a uma vida digna, em sua visão limitada, essa somente poderia acontecer se estivesse conjugada a uma sorte ou jogos de loteria, ou até mesmo em um sonho. Fato esse, que sua felicidade, ou sorte no amor, esteve em jogo, como um bilhete premiado, sorte grande. Aqui citamos o trecho que Luís expõe esse pensamento:

Cem conto de reis, dinheiro bastante para a felicidade de Marina. Se eu possuísse aquilo, construiria um bangalô no alto do farol, um bangalô com vista para a lago. Sentar-me ia ali, de volta da repartição, à tarde, como Tavares & Cia., Dr Gouveia e os outros, contaria histórias à minha mulher, olhando os coqueiros, as conoas dos pescadores. [...] Marina dormiria em um colchão de paina. E quando saltasse da cama, pisaria num tapete felpudo que lhe acariciaria os pés descalços (RAMOS, 2013, p.232).

Assim, Luís desejava riqueza, tinha ciúmes de pessoas que a possuía, entendia que com ela estaria assegurando a sua condição de uma vida feliz ao lado da amada Marina. Entretanto, para obter essa riqueza, o mesmo experienciou a sombra de si mesmo, remoendo o passado e lamentando o seu presente. Como não teve o que desejava, caracterizou-se como uma figura insignificante, no qual mexia-se com cuidado para não molestar a outros. Ele termina matando por ciúmes, para impor-se a sua condição de existir no mundo, apresentando o seu feito. No primeiro momento, tinha expectativa de que viriam atrás dele para pagar o que fizera, porém, percebeu que nada havia mudado em sua vida, assim, retoma a sua rotina, de forma apagada e sem sentido, experienciado a angústia de sua liberdade.

REFERÊNCIAS

- CICERO. *De natura deorum*. Stuttgart: Teubner, 1961.
DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Nova Cultural/Círculo do Livro, 1993.

KIERKEGAARD, Sören. Il concetto dell'angoscia. Semplice riflessione di carattere psicologico orientata in direzione del problema dogmatico del peccato originale (1844), in *Opere*. Firenze: Sansoni, 1972.

KIERKEGAARD, Sören . *O conceito de angústia*. Tradução e posfácio Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

114 RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1993.

KIERKEGAARD, Sören. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SARTRE, Jean-Paul . *O existencialismo é um humanismo*. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.